

SÃO FRANCISCO DE ASSIS: A FORMA EVANGÉLICA DE VIDA

Frei Nilo Agostini, ofm

A forma evangélica de vida constitui-se no coração da vida escolhida por Francisco de Assis. Constitui-se no coração de toda evangelização. Profundamente enraizados em Jesus Cristo e seu Evangelho, nós Frades Menores sentimos residir aí a nossa razão de ser. E este modo próprio de vida encontra na vida de fraternidade seu lastro de segurança e garantia de fecundidade. Desde ela, somos enviados como frades menores itinerantes a evangelizar com a *vida e a palavra*.

1. “É isso que eu quero, isso que eu procuro, é isso que eu desejo de todo o coração” (1Cel 22)

Textos evangélicos ligados ao seguimento de Jesus Cristo¹ e à missão² estão presentes na definição do projeto de vida de Francisco. É bom notar que “trata-se de textos que remetem ao modelo de vida dos carismáticos itinerantes da Igreja primitiva, inaugurado por Jesus e os apóstolos”³.

Biógrafos, como Tomás de Celano e São Boaventura, relatam, de maneira quase idêntica, como Francisco intuiu o seu projeto de vida ao ouvir a leitura da passagem do Evangelho, onde se fala do envio dos apóstolos para a missão. “Francisco, ouvindo que os discípulos não deviam possuir ouro, prata ou dinheiro, nem levar bolsa ou sacola, nem pão, nem bastão pelo caminho, nem ter calçados ou duas túnicas, mas pregar o reino de Deus e a penitência, entusiasmou-se imediatamente no espírito de Deus: ‘É isso que eu quero, isso que procuro, é isso que eu desejo fazer de todo o coração’”⁴.

O *Anônimo Perusino*, por sua vez, relaciona a intuição de Francisco a outro episódio⁵. Acompanhado de Bernardo de Quintavalle e de um certo Pedro, Francisco dirigiu-se à igreja de São Nicolau, onde, após ter rezado, abre o Evangelho e depara-se com as três passagens: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens, dá-os aos pobres, e terás um tesouro no céu” (Mt 19,21). “Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16,14). “Não leveis coisa alguma para o caminho, nem bastão, nem mochila, nem pão, nem dinheiro, nem tendais duas túnicas” (Lc 9,3). Ouvindo estas palavras, Francisco e seus companheiros exclamaram: “Eis o que mais queríamos, eis o que procurávamos”, acrescentando, então, Francisco: “Esta será a nossa regra... Ide pôr em prática o conselho que ouvistes do Senhor”.

Ao se dirigirem a Roma para pedir a aprovação de seu modo de vida, por volta de 1209/10, Francisco e seus companheiros não queriam outra coisa senão a permissão para viver um modo de vida pobre, a exemplo de Jesus e dos apóstolos, e pregar. Não aprovar tal modo de vida seria desaprovar o próprio Evangelho. Receberam, sim, da parte do Papa Inocêncio III,

¹ Cf. Mt 16,24; 19,21.

² Cf. Lc 9,3.

³ Ludovico GARMUS, *O seguimento de Jesus Cristo em S. Francisco*, texto policopiado, p. 13; Cf. Théophile DESBONNETS, *Da intuição à instituição*, Petrópolis, Ed. Vozes/CEFEPAL, 1987, p. 18-30.

⁴ 1Cel 22; cf. LegM 3,1 e Juliano de Spira, *Vita Sancti Francisci*, 15-16.

⁵ Cf. AnPer 11.

a apovação do modo de vida e a licença de pregar a penitência⁶. Inicia-se, a partir de então, um primeiro período (1209-1221), denominado de “heroico”, na vida dos primeiros frades. Sua vida e fervorosa pregação atraíram multidões, com grande número de ingressos na Ordem. Nem mesmo faltou a tentativa do martírio entre os sarracenos. O carisma pessoal de Francisco e de seus companheiros caracterizaram preponderantemente este período.

Entre os anos 1223 e 1945, identifica-se um outro período na Ordem, iniciado já em vida de Francisco. Trata-se da “virada intelectual da Ordem”⁷, que coincide com a necessidade de uma maior organização da mesma e de uma melhor preparação dos frades pregadores. O Concílio de Latrão, de 1215, já havia insistido na necessidade de uma boa formação dos pregadores, isto para poderem combater abusos e heresias. O próprio Francisco chega a se preocupar com a idoneidade dos pregadores, solicitando para isso a devida verificação e aprovação por parte do ministro geral⁸. E para os que porventura não fossem idôneos a este ofício, Francisco lembrava que “todos os irmãos podem pregar pelas obras”⁹.

2. Uma fraternidade apostólico-itinerante

Para Francisco, a centralidade do seguimento de Jesus Cristo era o eixo norteador. Sabemos como este *seguimento* constituiu-se num fenômeno alimentador da espiritualidade cristã, bem presente nos movimentos religiosos pauperísticos dos séculos XI e XII¹⁰. As próprias Cruzadas, com a reconquista dos lugares santos, e abrindo-os à peregrinação, permitiram que se acentuasse a busca das fontes evangélicas, com ênfase na espiritualidade do Jesus histórico¹¹. Muitos foram os movimentos que se propunham a imitar o exemplo da ‘pessoa’ Jesus Cristo, sobretudo na pobreza e missão. São Francisco pertence a este contexto de busca.

Fixando-se na pessoa de Cristo e os Apóstolos, lança Francisco as primeiras bases do ideal de fraternidade¹². Para estudiosos, como Gerd Theissen¹³, este modelo de fraternidade realizado por Cristo e pelos apóstolos caracteriza-se como um *movimento*, calcado sobre o papel dos carismáticos itinerantes, dos simpatizantes das comunidades locais e o papel do Revelador, o Filho do Homem.

Francisco, ao precisar que a regra e a vida dos Frades Menores é “observar o santo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo”¹⁴ ou “viver segundo a forma do santo Evangelho”¹⁵, inspira-se “no modelo realizado por Jesus Cristo e os apóstolos”¹⁶. Partindo deste

⁶ Cf. *Leg3C* 43-53; *1Cel* 32, 33, 89.

⁷ Cf. Lorenzo DI FONZO, “L’apostolato intellettuale”, *Miscellanea Franciscana*, 94 (1994), 525-609.

⁸ Cf. *RegNB* 17,1-2; *RegB* 9,2.

⁹ Cf. *RegNB* 17,3.

¹⁰ Cf. Herbert GRUNDMANN, *Movimenti religiosi nel medioevo*, Bologna, Società Ed. Il Mulino, 1980; Ildefonso SILVEIRA, *Itinerário de São Francisco de Assis*, col. “Cadernos do IFAN” n. 12, Bragança Paulista, EDUSF, 1995, p. 7-47.

¹¹ Cf. Lothar HARDICK, *Santo Antônio, vida e doutrina*, Petrópolis, Ed. Vozes/CEFEPAL, 1981, p. 36; Augustin FILCHE, Victor MARTIN (ed.), *Historia de la Iglesia*, vol IX: *Las Cruzadas*, Valencia, EDICEP, 1977, p. 621.

¹² Cf. Martinho CONTI, *Leitura bíblica da regra franciscana*, Petrópolis, Ed. Vozes, CEFEPAL, 1983, p. 88.

¹³ Gerd THEISSEN, *Sociologia do movimento de Jesus*, Petrópolis/São Leopoldo, Ed. Vozes/Ed. Sinodal, 1989.

¹⁴ Cf. *RegB* 1,1.

¹⁵ Cf. *Test* 14; *Leg3C* 29.

¹⁶ Cf. Martinho CONTI, *op. cit.*, p. 84-100.

enraizamento fundacional, estudiosos do movimento franciscano definem a fraternidade franciscana como uma “fraternidade *apostólico-itinerante*”¹⁷.

3. “O mundo inteiro é o seu espaçoso claustro” (J. de Vitry)

Mesmo com algumas dúvidas iniciais, se deveria viver entre o povo ou na solidão, fica logo claro para Francisco que deveria “salvar almas”, “viver para os outros”, “pregar a palavra de Deus ao povo”, “ser arauto do Evangelho”¹⁸. “Como os apóstolos, Francisco sente-se chamado a seguir a Jesus Cristo, não só para estar em sua companhia, mas também para ser enviado a pregar (cf. Mc 3,14-15). Para Francisco e os movimentos pauperísticos em geral, o seguimento de Jesus Cristo é inseparável da missão. Por isso, ao escrever a sua Regra, desenvolve como motivo inspirador: o conteúdo da missão dos apóstolos (Mc 10,7-13), que ouviu na igreja da Porciúncula, e as três passagens evangélicas (Mt 19,21; Lc 9,3; Mt 16,24), lidas com Bernardo de Quintavalle na igreja de S. Nicolau. Foram estes os textos que inspiraram a ‘forma de vida evangélica’, característica da Ordem dos Frades menores”¹⁹.

O envio à missão faz parte do nascimento da Ordem dos Frades Menores. O Papa Inocêncio III, ao receber Francisco e seus companheiros que lhe submetem sua regra, dá-lhes a bênção e o seguinte envio: “Ide com o Senhor, irmãos, e conforme o Senhor se dignar inspirar-vos, pregai a todos a penitência”²⁰. O Papa João Paulo II, em sua carta por ocasião do Capítulo Geral de San Diego, nos lembra este envio, acrescentando: “De minha parte, retomo hoje este envio à missão, e dirijo-o a vós. Assim como, de fato, a existência da vossa Ordem é devida a este primeiro envio, de igual modo hoje a missão que ela recebe da Igreja, na pessoa do Sucessor de Pedro, dá-lhe a sua razão de ser”²¹.

O seguimento de Jesus Cristo e o envio à missão faz dos frades menores *evangelizadores itinerantes*, para os quais “o mundo inteiro é o seu espaçoso claustro”, na expressão de Jacques de Vitry²². Entendemos, então, que Francisco, na Regra Bulada, chegue a falar da Ordem como uma fraternidade de peregrinos e viandantes²³, sendo os frades pacíficos e humildes²⁴, andando pelo mundo sem nada de próprio²⁵, trabalhando com fidelidade e devoção²⁶.

4. “Sempre viveste o que falaste” (2Cel 130)

¹⁷ Cf. *ibidem*, e, sobre o movimento franciscano, David FLOOD, *Frei Francisco e o Movimento Franciscano*, Petrópolis, Ed. Vozes/CEFEPA, 1986.

¹⁸ Cf. *Legm* 2,5.

¹⁹ Ludovico GARMUS, *op. cit.*, p. 11.

²⁰ *1Cel* 33.

²¹ Capítulo Geral de San Diego, *A Ordem e a Evangelização Hoje*, n. 5.

²² Jacques DE VITRY, *Historia Occidentalis*, n. 17.

²³ Cf. *RegB* 6,2.

²⁴ Cf. *ibidem*, 3,11.

²⁵ Cf. *ibidem*, 6,1.

²⁶ Cf. *ibidem*, 5,1.

Ciente do chamado à missão, Francisco tem clareza que não há frade que não possa fazê-lo, pois “todos os irmãos podem pregar pelas obras”²⁷. E apontava sempre para Jesus Cristo, “caminho, verdade e vida”²⁸, solicitando que “todos os irmãos se esforçassem por imitar a humildade e pobreza de Nosso Senhor Jesus Cristo”²⁹. A qualidade evangélica de *vida* é o substrato primeiro e decisivo, garantia da consistência do próprio *anúncio*. A missão que nos é confiada realiza-se pelo testemunho de *vida* e pelo testemunho da *palavra*.

Para Francisco, o coração de nossa vocação está em “viver o santo Evangelho”³⁰. Nisto ele colocava todo o seu empenho³¹, desejoso que seus frades fossem “discípulos do Evangelho”³². As palavras do Evangelho transformam-se para Francisco em “palavras do Espírito Santo, que são espírito e vida”³³. Seu primeiro biógrafo fala dele com as seguintes palavras: “Pregando frequentemente a palavra de Deus a milhares de pessoas, tinha tanta segurança como se estivesse conversando com um companheiro. Olhava a maior das multidões como se fosse uma pessoa só e falava a cada pessoa com todo o fervor como se fosse uma multidão”³⁴.

Todo esse vigor de Francisco calcava-se na unidade de seu ser, o que fez Tomás de Celano escrever: “Sempre viveste o que falaste, sempre foste o mesmo por fora e por dentro, sempre foste o mesmo como súdito e como superior!”³⁵ Em Francisco transbordava em abundância o que o habitava. Centrado na pessoa de Cristo, numa “total entrega ao Senhor”³⁶, “acima de tudo, desejava aniquilar-se para estar com Cristo”³⁷. Escolheu a condição dos pequenos, na *minoridade* e submissão a todos³⁸. Quis que os irmãos se chamassem de “frades menores”³⁹, apontando para uma condição real de vida, decisiva para reconhecer se um irmão era realmente movido pelo Espírito do Senhor⁴⁰.

A minoridade alia-se à pobreza e à simplicidade como alicerces do frade menor. A pobreza ocupa um lugar de destaque, sem abstrações, e, por isso, expressão de uma vida bem concreta. Lemos na regra: “Os irmãos não tenham propriedade sobre coisa alguma nem sobre casa nem lugar nem outra coisa qualquer; mas, como peregrinos e viandantes (cf. 1Pd 2,11) neste mundo, sirvam ao Senhor em pobreza e humildade”⁴¹.

Esta forma evangélica de vida ganha concreção e razão de ser na vida em fraternidade. Sem copiar modelos já existentes, Francisco acolhe os irmãos como dádiva de Deus, reunindo-os em fraternidade. “E depois que o Senhor me deu irmãos ninguém me mostrou o que eu

²⁷ Cf. *RegNB* 17,3.

²⁸ Cf. *Adm* 1,1.

²⁹ Cf. *RegNB* 9,1.

³⁰ Cf. *RegB* 1,1.

³¹ Cf. *1Cel* 84.

³² Cf. *LegM* 11,1.

³³ Cf. Lázaro IRIARTE, *Vocazione francescana - Sistesí degli ideali de san Francesco e di santa Chiara*, Casale Monferrato, Ed. Piemme, 1987, p. 90.

³⁴ *1Cel* 72.

³⁵ *2Cel* 130; cf. *1Cel* 115.

³⁶ Cf. *LegM*, *Milagres*, X,8.

³⁷ *1Cel* 71.

³⁸ Cf. *RegNB* 5,15; 7,3.

³⁹ Cf. *ibidem*, 6,3.

⁴⁰ Cf. *Adm* 12,1-3.

⁴¹ *RegB* 6.

deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho”⁴². A fraternidade passa a ser o lugar de cultivo do carisma de Francisco; cultivo do *ser autêntico, simples e pobre*, sem duplicidades e, por isso, sempre disponível; lugar da acolhida do Evangelho de Cristo e das palavras do Espírito Santo (e o seu santo modo de operar), que são *espírito e vida*⁴³.

⁴² Test 4.

⁴³ Cf. 2CFi 3; Adm 7,4; Test 13.